

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

**CLARICE LISPECTOR: CONFLUÊNCIA DE EXISTÊNCIA E DE
CONSCIÊNCIA NA A HORA DA ESTRELA**

Maria Aparecida Evangelista Ferreira Nepomuceno

Pontes e Lacerda

2001

02. 11
10/11/02
EX 1
C92569334

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT	
R. N°	6639
Data	01, 02, 2002

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

Clarice Lispector: Confluência de Existência e de Consciência na “A Hora da Estrela”

Ensaio monográfico apresentado para a
Graduação do Curso de Letras,
Licenciatura em Língua Portuguesa,
Língua Inglesa e Literaturas.
Orientadora: Nilsa Andréa dos Santos.

Pontes e Lacerda

2001

*Dedico a meu filho Bruno e a meu esposo Geraldo, que
estiveram sempre ao meu lado.*

Em primeiro lugar agradeço muito a Deus, e a minha querida mãe que fizeram de mim uma pessoa de personalidade, de perseverança e de luta, pelo qual pude acreditar em mim mesma. A Márcia, Ricardo, Everaldo, Lislaine, Suetânia, Vladimir e a Professora Nilsa.

Haverá um ano em que haverá
um mês, em que haverá uma
semana em que haverá um dia
em que haverá uma hora em
que haverá um minuto em que
haverá um segundo e dentro do
segundo haverá o não-tempo
sagrado da morte
transfigurada.

(Clarice Lispector)

SUMÁRIO

Apresentação	07
Quadro Teórico.....	08
Movimento Histórico.....	10
Clarice Lispector: Confluência de Existência e de Consciência na “A Hora da Estrela”.....	14
Considerações Finais.....	28
Bibliografia.....	30

APRESENTAÇÃO

Por meio deste trabalho, estarei percorrendo caminhos para satisfazer minha curiosidade e inquietação enquanto leitora. Pois em 1999, deparei-me com a obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector no terceiro semestre do curso de Letras. De início me fascinou, me deixou instigada a saber mais, me aprofundar historicamente vida e obra da autora, analisar a confluência de existência e de consciência de Clarice Lispector na obra “A Hora da Estrela”.

A obra em estudo faz parte do Movimento Histórico Pós-Modernista, que é classificado como um período de transposição social, cultural e política.

A autora colocou no centro de suas criações a questão da busca de uma nova linguagem analítica, para explicar a vida interior, “a experiência na análise das paixões e movimento da alma” introduzindo no psiquismo.

Clarice Lispector em sua obra “A Hora da Estrela”, segue a corrente existencialista embasada no estudo do ser e sua personalidade e o meio em que vive.

Através desta análise, podemos perceber que as narrativas de Clarice Lispector, tanto em seus poemas quanto em suas obras, ela é tão forte que seria impossível delimitar onde inicia a autora ou a suas personagens, Clarice é muito viva em tudo que escreve.

QUADRO TEÓRICO

Vamos trazer a tona um pouco do Movimento Literário Brasileiro Pós-Modernista. O qual se inicia em 1945, com um marco na “arquitetura moderna, das edificações industriais, da arquitetura, passa para as artes plásticas e para a literatura, também a uma época de “pós-tudo”, a velocidade da transmissão da informação na sociedade pós-industrial, dominada pelo meios de comunicação de massa”(ARANHA & MARTINS, 1993). Essas transformações iniciaram no nordeste, com a literatura regionalista, mas não demorou e logo se alargou para todo e grande território nacional. Dando um grande destaque na literatura ficcional tendo como objetivo, a terra, o homem e o meio. Constituindo uma corrente psicológica, visualizando os problemas como a consciência como drama. Colocando o homem diante de si mesmo e dos outros homens, chegando a submeter a um exame interior sobre o destino e os atos do ser humano na vida. “O homem é um ser psicológico e, como tal percebe o mundo. Reage emocionalmente a ele e elabora as próprias vivências” (ARANHA & MARTINS, 1993).

Na época de “pós-tudo” a Literatura Brasileira agraciou vários escritores. Mas o destaque foi para Clarice Lispector ao publicar sua primeira obra “Perto do Coração Selvagem” em 1945. Ela traz a tona uma narrativa que declara a mulher na sua existência, mostra a mulher a sociedade de maneira contundente, representada pela personagem “Joana”. Mas ela não para por aí, e assim revela muitas outras. “A transcendência é a ação pela qual o homem executa o movimento de se ultrapassar a si mesmo. É a sua dimensão de liberdade” (ARANHA & MARTINS, 1993).

A literatura no Brasil destacou a crise individual do ser, a reflexão da consciência, da inconsciência e da existência. Na qual a literatura ganha um público que nasce com a revolução burguesa, pessoas que gostavam de prosa, música, poesia e cultura.

Na teoria do existencialismo “existência precede a essência” (SARTRE, IN ARANHA & MARTINS, 1993), tem a finalidade de analisar o comportamento do homem, ou seja “o homem na sua essência”. O homem através da realidade vivida adquiriu conhecimentos, só assim ele tem uma visão de que vive em um planeta todo do avesso, cruel, onde a morte se torna o centro principal da vida. Esta teoria foi iniciada por Sartre, Kierkegaard e Heidegger, “objetiva a própria reflexão filosófica, o homem na sua

existência concreta, sempre definida, mas não necessária ser-em-situação, o ser-no-mundo, a partir da qual o homem, condenado à liberdade, por já não ser portador de uma essência abstrata e universal” (*BUARQUE, 1998*). A partir desse princípio, Clarice Lispector desabrocha e cria a protagonista Macabéa uma entre tantas representantes da classe feminina, por ser sua criadora dá a ela um destino inviolável “viver e morrer”.

Benjamim Abdala Junior relata que “... a escritura Clariceana retrata o cotidiano, comprometendo-se com o homem e a realidade dele, levantando questionamentos com o indivíduo na sociedade” (*ABDALA, 1994*). Parece-nos mostrar nas entrelinhas que além da auto-repressão interna, torna-se o resultado da ação do superego, auto-repressão que caracteriza o psiquismo humano, além dos efeitos de uma repressão externa, colocada ao ser humano um conjunto de regras incluindo o religioso e sócio-econômico.

Considerando as múltiplas transformações que a sociedade e o homem vem sofrendo ao longo dos séculos, surgem questionamentos inquietantes a cerca de explicações ocultas na vida, entretanto o homem do século XX não está mais preso a ilusão da consciência de sua existência. Para explicar os problemas humanos a Psicologia tem sido o ponto de partida para análise da psique humana. E nesse sentido que Freud com suas lições de psicanálise define que a criança é o pai do adulto. Baseado neste pressuposto teórico que passarei a analisar detidamente a confluência de existência e de consciência de Clarice Lispector na obra “A Hora da Estrela”.

MOVIMENTO HISTÓRICO

Como ponto de partida para uma discussão teórica sobre a confluência de existência e de consciência na obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector é necessário apresentar o Movimento histórico Modernista, tendo em vista que a autora em estudo também está enquadrada dentro deste movimento. O Movimento Modernista rompe com a estética e com a temática, entre elas estão nossas dificuldades, o preconceito real ou não, os quais passam a ser reinterpretadas como superioridades, como o mulato e o negro, passaram a serem incorporados nas particularidades de estudos, servindo de inspiração e de modelo. Sendo considerado um primitivo como fonte de beleza e não mais problema à elaboração de cultura. Isto é, na pintura, na arte, na música, nas ciências do homem e principalmente na literatura. Como pode ser visto na obra de Mário de Andrade-“Macunaima”, “a obra central mais característica do movimento, compendiou alegremente lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face européia, mostrando como cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, em valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura” (Candido, 2000)

No movimento literário brasileiro modernista. A literatura brasileira brilhou alguns escritores, os quais Clarice Lispector se destaca com este novo advento cultural, escrevendo sua primeira grande obra “Perto do Coração Selvagem”, publicada no ano de 1945. Uma narrativa que mostra a mulher em toda sua existência. A figura feminina presente, a qual Clarice Lispector dá a luz a personagem “Joana”. Sendo que nunca o universo feminino foi tão minuciosamente palmilhado, não com a intenção de manifesto em defesa ou acusação, “mas simplesmente como mostragem afetuosa de um trajeto em processo, com traçado de um roteiro das direções desse olhar inaugural”.

A Obra “A Hora da Estrela”, está inserida no movimento histórico brasileiro Pós-modernismo, o qual se torna de suma importância falarmos sobre o modernismo, que teve início no século XX, o qual teve uma grande repercussão no processo histórico da população brasileira. Pelo qual na literatura os escritores brasileiros fogem dos excessos da geração anterior, e passa a vislumbrar na prosa e na poesia uma produção intimista e introspectiva, procurando transmitir suas emoções, os fatos da vida atual e a realidade do

país de uma forma mais livre, sendo Clarice Lispector a figura mais representativa desse tipo de romance. Portanto podemos perceber um vocabulário cheio de expressões coloquiais traduzindo a fala típica brasileira, em versos livres, concisos.

Necessariamente precisamos trazer a tona um pouco do movimento literário brasileiro pós-modernismo. Este período inicia-se em 1945, no nordeste, com a literatura regionalista, após, expandiu-se para todo território nacional, destacando-se na literatura ficcional, visando o homem, a terra, e o meio. O homem voltado para si mesmo e para os outros, criando uma corrente psicológica, evidenciando o lado dos problemas, a consciência como drama, intercessão sobre o destino, o comportamento, atitudes do ser humano na vida.

Podemos falar que o Movimento Modernista foi uma revolução, pois, nasceu sob influência da filosofia pragmatista e do psicologismo que tanto sensibilizou os movimentos de vanguarda que apareceram na Europa nas primeiras décadas do século XX. Foi, entretanto, um período de revoltas e de grande iniciativas e de criatividade. Logo após afirmou-se o “método dialético e com ele a reflexão crítica”. “Tínhamos um mundo desordenado, ilógico, mas um mundo contraditório que poderia ser explicado em sua complexidade. Desmancharam-se assim, nesses dois momentos, as concepções simplistas da literatura tradicional, na vida, como na literatura. Num poema clássico, por exemplo, aparecia uma única idéia a ser desenvolvida; agora, uma superposição de idéias que se entrecrocavam” (*Abdala – 1994*).

No modernismo além de ter um importante desdobramento da valorização da vida e da cultura. Também se afirma no moderno significado de modernismo: “... vocábulo de precária extensão semântica, na medida em que é utilizado sempre que à falta de um termo próprio se procura denominar as tendências...” (*Moises-1995*). Tendências essas que adquiriu a confiança no Brasil, colaborando também para que o Brasil ganhasse seu próprio estilo, devido que o movimento modernista tinha vindo da Europa o qual contagiava com seus costumes toda a população. Costumes, caracterizado como “belle époque”. Fixando numa nova estética, principalmente com a região do nordeste que iniciava com um movimento de uma literatura ficcional.

Importante período também aconteceu nos meados de 1917 a 1929, o quais se enquadra a Semana da Arte Moderna em 1922, considerado o ano de rupturas, devido à “explosão artística contra o conservadorismo” e em 1930 a 1945 a conquista do público para uma nova literatura consistida de prosa e poesia.

O Modernismo no Brasil aconteceu praticamente no final da crise da República Velha, sob o comando de Getúlio Vargas, período em que aconteceu a revolução de 1930, ficando Vargas no governo até 1945, fazendo a cultura passar por o processo de democratização, mas por uma política "ditatorial de Vargas". Com o objetivo de estimular a população a aceitar os valores oficiais corrompendo até com cargos públicos para deixar a população modernista sem senso crítico de inovação. Em sequência vem a "quebra" da bolsa de valores de Nova Iorque, que abalou o mundo inteiro. Em seguida a ONU põe fim na segunda guerra mundial e declara os direitos do homem, onde começaram a surgir o questionamento sobre o ser humano e sua existência, os fatores psicológicos do homem. Torna-se um marco da história com grandes transformações e ideais políticos junto ao desenvolvimento da indústria, da tecnologia em todos os aspectos culturais, econômicos e psicológicos.

No Brasil e em Portugal, o modernismo é o movimento após a I guerra Mundial, nascido em reação contra decadência parnasiana, sob a influência dos "ismos" europeus das duas primeiras décadas. No Brasil o movimento foi designado como futurismo, mas a partir da Semana da Arte Moderna, em fevereiro de 1922, passou a ser batizado como Modernismo, e modernistas os seus adeptos.

Por fim surge no Brasil um grande destaque na Semana da Arte Moderna "Mário de Andrade" um dos escritores mais multiformes da Literatura Brasileira. ("cultivou praticamente todos os gêneros. Foi poeta, romancista, ensaísta, contista, crítico literário e de arte, musicólogo e folclorista"). Mário preocupava-se com a valorização de novos escritores e artistas, desejava um Brasil de origens brasileiras, criando um novo estilo e abandonando o tradicional, gerando uma cultura nova. Este movimento também dá destaque a Graça Aranha que colaborou na preparação do movimento desde 1910. "Faz-se jus à complexidade semântica e artística daquelas obras fundamentais do Modernismo. Nelas figurou-se a maior riqueza de motivos e de formas que a consciência do homem poético de 22 pôde engendrar. Nelas estilizou-se a indefinição do caráter nacional; indefinição necessariamente instável e prestes a coagular-se em variantes do mesmo caráter, ora cúvido, ora triste, ora cordial, ora malandro. Nelas parodiaram-se os resíduos de vernaculismo que persistiam na Velha República Brasileira de Letras. Daí a sua polissemia e, ao mesmo tempo, a sua mais densa historicidade" (BOSI, 1988).

Dá início ao Pós-Modernismo germinado pela chamada "Geração de 30", que começa a definir os rumos construtivos de Modernismo, a problematização de uma

linguagem brasileira. Fizeram parte alguns escritores: Clarice Lispector, João Cabral de Mello Neto e João Guimarães Rosa entre outros. Clarice Lispector é o destaque da Literatura Moderna Brasileira de uma tendência intimista. Onde faz questionamentos do ser, o existir, o intimismo, movimentos da alma, para dentro do psiquismo, o romance introspectivo. “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, pode-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é ler “distraidamente” (*CLARICE LISPECTOR – IN SANT’ANNA, 1990*).

Clarice apresenta uma linguagem que faz perceber uma certa preocupação com a valorização das palavras, dando-lhes nova visão, vida, explorando os limites do significado, preocupava-se também com aquilo que estava escrito sem o uso da palavra, valorizava muito as “entrelinhas” “O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” (*LISPECTOR, 1977*).

Marca uma nova literatura introspectiva, onde o homem pára para refletir o estar no mundo em sua consciência, em sua inconsciência e em sua existência, um Brasil totalmente livre “Freud conseguiu acender luzes nas camadas mais profundas da psique humana: o inconsciente e o subconsciente” (*D’ONOFRIO, 1997*). O Movimento Modernista ganha com a literatura clariciana um marco substancial que é a análise psicológica do homem através de suas personagens.

CLARICE LISPECTOR: CONFLUÊNCIA DE EXISTÊNCIA E DE CONSCIÊNCIA NA “A HORA DA ESTRELA”

Para compreender um autor e uma obra temos que situar historicamente e contextualizá-la. Portanto em 1999, deparei-me com a obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector no terceiro semestre do curso de Letras. De início me fascinou, apesar de não ter nenhum aprofundamento da obra, me deixou instigada a saber mais, me aprofundar historicamente vida e obra da autora. Agora no final do curso temos que apresentar um trabalho monográfico, então de imediato resolvi a trabalhar esta obra maravilhosa, porque minha maior curiosidade é saber até que ponto a autora é existe na obra, a **confluência de existência e de consciência** de Clarice Lispector dentro da obra “A Hora da Estrela” que também se tornou sua última obra publicada em vida.

Todo escritor brasileiro, cedo ou tarde, tem que enfrentar o tema: a miséria, mais é a miséria dos nordestinos. Ninguém conseguiu escapar, nem Clarice Lispector. O seu último livro, A Hora da Estrela, escrito em 1977, o ano de sua morte, é sobre uma alagoana de profissão datilógrafa chamada “Macabéa”. Por mais que se esforce, Clarice Lispector não consegue se interessar completamente por sua pobre nordestina. Quem de fato importa para ela é o escritor que narra a sua história, um certo Rodrigo S.M. (Será Rodrigo ou Clarice?). É só através dos sentimentos antagônicos que provoca em Rodrigo S.M. que Macabéa passa a existir. O começo se dá quando Rodrigo S.M. cruza com Macabéa pela rua. E é tomado por uma mistura de piedade, culpa, afeto, desespero e desprezo.

Começa-se a história: Macabéa é alagoana, que fora criada por uma tia má, a tia morre então a nordestina muda-se de Alagoas para o Rio de Janeiro, uma cidade feita toda contra ela. Má datilógrafa e ainda virgem, divide um quarto com quatro colegas. Conhece um paraibano de nome Olímpico de Jesus, a partir deste momento inicia o sonho de se casar, mas Olímpico a abandona ao conhecer sua amiga Maria da Glória. Aborrecida, a falsa amiga sugere a ela ir consultar uma cartomante e ao sair da cartomante morre atropelada. Macabéa não mostrou nenhum fato importante que dê sentido a sua existência, pois passou a vida inteira tratando de coisas vagas como Deus oculto, amor, morte, ovos de galinha. Clarice Lispector, em Hora da Estrela, tenta mostrar que nada é mais vago do que a realidade.

Existe uma grande diferença entre o autor e o narrador, mas ao mesmo tempo existe uma cumplicidade. Ligia Chiappini deixa bem claro que o narrador as vezes torna-se misterioso, meio enigmático podendo sempre esperar dele reações e ações imprevistas, pois “a caracterização das personagens é feita pelo narrador que as descrevem e explica para o leitor”, que são quase as mesmas funções do autor, distinguindo-se apenas” pela ausência de instruções e comentários gerais ou mesmo sobre o comportamento das personagens, embora a sua presença, interpondo-se entre o leitor e a história, seja sempre muito clara” (CHIAPPINI, 2000).

“Os narradores são às vezes chamados de não confiáveis quando fornecem informações suficientes sobre situações e pistas a respeito de suas predisposições para nos fazer duvidar de suas interpretações dos acontecimentos ou quando encontramos motivos para duvidar que o narrador partilha os mesmos valores que o autor” (CULLER, 1999).

O escritor-narrador é onipotente porque cria um destino, mas não é onisciente, pois a verdade que inventa, ele não a conhece inteira. Sua protagonista é buliçosa, escapa-lha das mãos. No final ele hesita em mata-la, suspende sua morte por páginas e páginas e, quando resolve dar-lhe o *gran finale*, volta-se contra si mesmo: “Até tu Brutus?” Mas, o escritor-narrador morre com Macabéa e avisa o leitor que morrer é um instante e pertence à condição humana” (WALDMAN, 1993).

“Mas desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo. Antes de ter surgido na minha vida essa datilógrafa, eu era um homem até mesmo um pouco contente, apesar do mau êxito na minha literatura. As coisas estavam de algum modo tão boas que podiam se tornar muito ruins porque o que amadurece plenamente pode apodrecer” (LISPECTOR, 1999).

“A Hora da Estrela” se classifica ao Período Pós-Modernismo que pertence a um período de transposição social, política e cultural. Onde o Brasil estava passando por um período que era o fim da ditadura e início da redemocratização. Após, a literatura brasileira passa por profundas alterações. A Segunda fase do Modernismo surge com a busca de uma literatura intimista, de sondagem psicológica, introspectiva, com destaque especial para Clarice Lispector. Quanto ao regionalismo, este assume novos rumos, uma vez que não apenas sua temática, mas também sua linguagem irão se renovar.

Clarice Lispector colocou no centro da criação a questão da busca de uma nova linguagem, analítica, para explicar a vida interior, “a experiência na análise das paixões” e “movimentos da alma”, para dentro do psiquismo. Como mostra Berta Waldman.

“... os expedientes utilizados na construção da narrativa ficam à mostra em *A Hora da Estrela*. Com isso, Clarice Lispector rompe com as regras do jogo. Ela tira a máscara de romancista e desloca-se para dentro do texto quando se declara idêntica ao narrador. Ela não quer mais disfarçar-se por trás do texto ao mesmo tempo que desnuda a literatura como literatura porque indica os artifícios de que se utiliza para captar o real. Mas o fato de desnudar-se não retira da literatura seu “status” de representação, mímese, espaço vicário da realidade” (CLARICE, 1983).

A obra em análise não apresenta somente temas regionalistas, mas também temas que serão núcleo de investigação do psicológico do indivíduo, análise de suas angústias e de seus dramas existentes. O fator em si pouco importa a escritora. O importante para a autora é o efeito a repercussão no indivíduo. A obra apresenta como ponto principal o questionamento do ser, o “estar no mundo”, o intimismo o estudo do ser humano, que faz a obra apresentar ambigüidade, um jogo de antíteses marcado pelo “eu” e pelo “não eu” o ser e o “não ser”. Freud considera a mente como algo dividido: essência e aparência, ou seja, a aparência apresenta a consciência e a essência guarda o inconsciente (paixão, impulso, idéias e sentimentos reprimidos) E sendo assim, a personalidade é estruturada por três grandes sistemas: o ID, O EGO e o SUPEREGO. O id conhece somente a realidade subjetiva da mente e ego faz a distinção entre as coisas da mente e as do mundo exterior, e superego inibi os impulsos do id, persuadindo o ego a substituir os alvos moralistas por alvos realistas e lutar pela perfeição.

“Na teoria Freudiana, não se considera apenas a intensidade da repressão, mas também existência, ou não de formas alternativas para a expressão do conflito” (LEITE-1987). Esse conflito é expresso complexamente na personagem Macabéa devido a uma educação tradicional e rígida, processo determinante da vida adulta. Não distante da complexidade da existência da personagem está a da autora Clarice Lispector que parece sugerir uma estreita ligação de conflitos vividos entre ambas. E nesse momento que parece estar conjugado o real com ficcional.

A Obra também “Apresenta uma linguagem que faz perceber uma certa preocupação com a valorização das palavras, dando-lhes nova visão, explorando os limites do significado, preocupava-se também com aquilo que estava escrito sem o uso da palavra,” valorizava muito as “entrelinhas”. “... sua capacidade de dar vida própria às palavras, emprestando um conteúdo inesperado”. “A palavra é a estrela maior desse livro, sua personagem (Macabéa) disfarçada. *A Hora da Estrela* é uma revelação do ato de

escrever, da agonia de escrever”. “Entre a palavra e o silêncio, entre o que diz e o que está implícito em seu dizer, situa-se o texto de Clarice” (WALDMAN, 1983).

A escritura de Clarice Lispector e a Psicanálise têm um grande ponto em comum, pois ambas “buscam desmascarar as forças inconscientes que movimentam o homem e suas relações com o mundo, desvelando, pelas vicissitudes do desejo, nossas pulsões primordiais” (FURLA, 1999). Os textos de Clarice têm o exercício da crueldade do sadismo, e isso faz a evolução do enredo das personagens, que se torna uma narrativa com jogos perigosos, “onde a fluência de prazer se mescla aos movimentos destrutivos do sujeito e da palavra”. A protagonista Macabéa é uma vítima da crueldade e do sadismo do próprio narrador, o qual deixa bem evidente quando o desprezo e ao mesmo tempo piedade, chegando a ponto de deixar explícito que sente pena de si próprio, pois está vendo seu interior, e não mede palavra para narrar. Fragmentos abaixo.

“Desculpai-me, mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco, pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa? (LISPECTOR, 1999).

“Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabia que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que eu queria era viver” (LISPECTOR-1999).

Podemos dizer que a literatura de Clarice Lispector vem de uma narrativa “preocupada com o mundo subjetivo do protagonista (Macabéa) influenciado pelo romance psicológico”. O qual experimenta “novas fórmulas de estímulos e novos padrões lingüísticos, que antes de transpor a realidade social ou psíquica, tentam construir uma nova realidade” (D’ONOFRIO, 1997).

“Escrevo neste instante com prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde, no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um reconheça em si mesma porque todos nós somos um quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa do que ouro...” (LISPECTOR-1999).

A obra clariciana vem de encontro com uma narrativa de várias tendências realistas, preocupando sempre com os problemas do convívio social do homem, “o romance do

fluxo da consciência tem por intuito a exploração da alma humana, tentando desvendar os mistérios da presentificação da memória do subconsciente e do inconsciente” (D’ONOFRIO,1997). Sobre o qual a narrativa de cunho intimista segue para o questionamento sobre as aspirações mais desconhecidas do ser humano, que podemos incluir: os sonhos, os loucos desejos e as frustrações da vida. Também é explícito na obra clariciana a evidência da consciência e existência do “eu” que intrinsecamente fluem com uma confluência de ações, de idéias, de sentimentos, de sensações, de desilusões, de amor e de sofrimento, que misturam com lembranças do passado e aspirações do futuro. Macabéa tinha poucas lembranças do passando sendo elas ruins, pois, de sua tia batia em sua cabeça quando tentava comer, “Macabéa é apresentada como o ser sem fissuras...” (WALDMAN-1983). A autora carrega nas costas uma cicatriz do fracasso. O sentimento de aprisionamento, a condição humana em que vivia, sempre fugindo de algo ou a procura dele. O que representa a vontade de viver e ao mesmo tempo a intensa vontade de morrer. A morte era uma seqüência de vida para Clarice e também para sua protagonista. O fragmento abaixo deixa bem explícito.

“O fracasso é também o estigma que a escritora carrega. Entre a realidade, sua matéria-prima, e a linguagem – o modo como vai buscá-la e não a encontra -, o seu esforço humano e apaixonado é buscar e voltar com as mãos vazias. Com o indizível. “O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção é que obtenho o que ela conseguiu” (WALDMAN,1983).

A narrativa de Clarice Lispector traz algumas novidades como a ruptura com a linearidade, o principal eixo é baseada na memória, nas emoções, isto é, no fluxo de consciência do narrador. Clarice deixa bem claro ao dizer:

“Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa. É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia” (IN. WALDMAN, 1983).

Segundo Salvatore D’Onofrio, Clarice Lispector é considerada a melhor escritora brasileira que possui a consciência de cultura ocidental, porque ela tenta remoeçar a forma, a estrutura do gênero narrativo “constituindo todo o enredo pelo monólogo interior das personagens. Coutinho também diz “Lispector está no primeiro plano dos escritores brasileiros” (COUTINHO, 1996).

"A classe alia me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim" (LISPECTOR, 1999).

"... sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso por nem ao menos a olhar" (LISPECTOR, 1999).

"Bem, a despedida pode não ser para já, é capaz até de demorar um pouco" (LISPECTOR, 1999).

A insuficiência de renda no meio social estabelece a chamada linha de pobreza, parâmetro de valor equivalente ao custo de atendimento de todas as necessidades básicas de um indivíduo em um determinado tempo e lugar. Esse valor é superior ao que pode ser associado a uma linha de indigência que levaria em consideração apenas o custo de atendimento das necessidades alimentares. E Macabêa representa na sociedade as grandes dificuldades sociais, a discriminação, a exploração do trabalhador, a máquina tendo maior valor do que o ser humano, e Macabêa era assim, não tinha valor enquanto ser humano, no entanto fora despedida, porque não tinha uma qualificação profissional, dessa forma a máquina se tornou mais valiosa. Fragmento abaixo:

"Eu também acho esquisito, mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingar-se, até um ano de idade eu não era chamada por que não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo" (LISPECTOR, 1999).

A palavra "Macabêa" é a intermediária entre o narrador e o leitor, e Macabêa é por meio dela que vamos conhecer um pouco da história e seus valores. Macabêa esse nome se originou-se do caracteres "Macabeus", palavra grega, "Makabaios" era a forma grega do sobrenome do herói judeu, Judas bem Matatias" (GOUGLAS, 1962). Macabeus são representantes da família bíblica. Nome de valor de força e de respeito. Macabêa representante de Clarice Lispector também tem força, magnitude, torna-se uma insignia da expressão do real. Mas na ficção o nome Macabêa nos remete a visão de mulher desprezada por todos, mulher feia, doente, mulher sofrida. "Maca" sem significado, "bêa", nos remete a plebéia, tornando assim alvo fácil do preconceito. No entanto, o nome "Macabêa" prolongou seus dias, pois ao nascer sua mãe fez uma promessa a nossa Senhora da Boa Morte para que a vingasse, então daria o nome de Macabêa a criança. Conforme podemos ver abaixo.

O narrador da obra “A Hora da Estrela” sente-se constrangido, culpado, ao se ver afastar do homem comum, ao perceber que existe uma real identificação com sua personagem “Macabéa”, e com os que ela representa, é fato negado pela experiência, relação cuja inviabilidade prática mostra-se na incapacidade que ele carrega de por ela sentir compaixão, sofrer com ela, atingindo os limites máximos de piedade e de comiseração, e ainda sente-se culpado, pois vê Macabéa e sente seu fracasso em um todo, que tanto lhe atormenta que atrasa seu relato. Conforme fragmentos abaixo.

“Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela. Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura. Estarei lidando com fatos como se fossem as intermediáveis pedras de que falei. Embora queria que para me animar sinos badalam enquanto adivinho a realidade. E que anjos esvoacem em vespas transparentes em torno de minha cabeça quente porque esta quer enfim se transformar em objeto-coisa, é mais fácil. - Será mesmo que a ação ultrapassa a palavra?” (*LISPECTOR, 1999*).

“... Através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. A vida que tanto amo” (*LISPECTOR, 1999*).

“... Tenho um arrepio de medo. Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca...” (*LISPECTOR, 1999*).

Clarice escreve com a alma, com o coração e fere a alma de quem a lê, ela não machuca, mas perturba. “Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago”. Ela fala das inquietações do universo feminino, bem como da descoberta de si mesma, das belezas e ao mesmo tempo das crueldades. Suas palavras entram em consonância com o imaginário, podendo somente começar com uma vírgula e terminar com dois pontos, seu texto é aberto, fica a mercê do leitor, não tem começo e nem fim. “Faço poesia não porque sou poeta, mas para exercitar minha alma, é o exercício mais profundo do ser humano” (*CLARICE LISPECTOR IN WALDMAN, 1983*).

Berta Waldman afirma que uma das características marcantes das obras de Clarice Lispector é:

“... que a crítica em geral dela se tem aproximado tentando apreender-lhe o traçado que delineia sua temática existencial, ou bem tendo apreender o modo peculiar de construção de sua linguagem. O interesse pelo universo feminino não é privilégio dos contos de Clarice, neles como nos romances, a galeria de personagens femininos predomina, em papéis estabelecidos, força

opressiva que a desencoraja de articular de modo claro sua própria vida" (WALDMAN, 1983).

Lispector se esconde sempre atrás de um narrador. Rodrigo S.M. narra "A Hora da Estrela" de maneira cruel. Será porque Clarice usa um homem? Será porque o homem te dá sustentação para suportar as críticas da sociedade e do que escreve? Será porque? Ou será que Clarice sentia-se tão submissa a ponto de não viver sozinha, ou sentia culpa de viver? Como podemos ver explicitamente nesta passagem bíblica. "Deus disse a mulher; Eu multiplicarei os trabalhos do teu parto, tu pariras teus filhos com dores; e estarás debaixo do poder de teu marido, e ele te dominará. (GÊNESIS, 3,16)

"O domínio masculino passa a se justificar e a ser vivenciado pela mulher cristã como castigo pelo pecado, que envolve culpa e sexo. Acrescente-se a isso a garantia da supremacia do homem pelo ato de criação que, em várias versões da Bíblia, apresenta a mulher surgida de costela de Adão (INTERNET, p.2).

Freud afirma que o escritor se afasta da realidade para um mundo de fantasias, onde dá livre curso aos seus desejos. Ali descobre uma via de regresso, amoldando essa fantasia a uma nova espécie de realidade que os outros homens passam a entender como um reflexo válido na vida real.

Rodrigo S.M. planeja todo um processo de preparação para a narração da história de Macabéa, mais ou menos uma espécie de ritual que doma e dá gradação a impaciência. Pois, descobre nele um escritor preocupado e consciente de seu papel. Que na verdade sempre soube o começo, meio e fim da história. Simplesmente ia adiando até o momento final da criação da "grande" personagem Macabéa, a espera de seu nascimento. A vida de Macabéa foi gerada de uma maneira espetacular, uma molécula dizendo sim à outra.

"Esqueci de dizer que tudo o que estou agora escrevendo é acompanhado pelo rufar enfático de um tambor batido por um soldado. No instante mesmo em que eu começar a história _ de súbito cessará o tambor.

Vejo a nordestina se olhando ao espelho e _ um rufar de tambor _ no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos. Não há dúvida que ela é uma pessoa física. E adianto um fato: trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia? Pergunto-me também como é que eu vou cair de quatro em fatos e fatos.

...nada leio para não contaminar com luxos a simplicidade de minha linguagem. Pois como eu disse a palavra tem que se parecer com a palavra, instrumento meu.

Também esqueci de dizer que o registro que em breve vai ter que começar _ pois já não aguento a pressão dos fatos. Quanto a moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando" (*LISPECTOR, 1999*).

A ficção narrativa existente na obra mostra uma nova linguagem de Clarice Lispector ao deixar conduzir por uma espécie de compulsiva intuição. Ninguém passa por ela impune. Ela liga e religa o mistério da vida e o religioso silêncio da morte. Clarice é uma aventura espiritual. Em sua obra *A Hora da Estrela* ela deixa evidente os problemas de seus personagens dentro da sociedade, os preconceitos, a pobreza, os maus tratos, a fome, a discriminação, a morte, deixando bem claro uma marca que percorre não somente nesta obra, mas em todas as obras claricianas, que é o existencialista sem interferências da razão e da lógica. Clarice deixa explícito na citação abaixo.

"... classe de burguesia havia, no entanto o morno conforto de quem gasta todo o dinheiro em comida, no subúrbio comia-se muito. Glória morava na rua General não-sei-o-quê, muito contente de morar em rua de militar, sentia-se mais garantida. Em sua casa até telefone tinha. Foi talvez essa uma das poucas vezes em que Macabéa viu que não havia para ela lugar no mundo e exatamente porque Glória tanto lhe dava. Isto é um farto copo de grosso chocolate de verdade misturado com leite e muitas espécies de rosas açucaradas, sem falar num pequeno bolo. Macabéa, enquanto Glória sala da sala - roubou escondido um biscoito. Depois pediu perdão ao Ser abstrato que dava e tirava. Sentiu-se perdoada. O Ser a perdoava de tudo" (*LISPECTOR, 1999*).

Clarice escreve remexendo o interior humano; mostrando-nos o outro lado, o que serve de influência na literatura até hoje. Lispector é considerada uma escritora feminista, porque mostra o mundo sempre através da mulher. O preconceito da sociedade masculina é demonstrado pela autora claramente em sua obra "*A Hora da Estrela*" e para tal ela usa um narrador masculino (Rodrigo S.M.). Conforme pode ser verificado nos exemplos que se seguem.

"O homem transformou as suas defesas em formas de preservação contra o perigo que lhe representa a realidade, com isso o mundo humano se tona de uma clareza encerrada na sua instantaneidade sem fundo" (*COUTINHO, 1996*).

"*A Hora da Estrela* recolhe não só quase todos os problemas da narrativa dos outros romances de Clarice, mas também muitas de suas imagens. Macabéa lembra Joana às vezes por contraste. Ela jamais se pergunta: "Se tivesse a tolice de se perguntar quem sou eu? Cairia estatelada e em cheio no chão". Macabéa, como

Virgínia, é também um ser fluido e, como ela, morre atropelada na rua da grande cidade. Como Lucrecia Neves, Macabéa só sabe “espíar” (WALDMAN, 1993).

O livro “A Hora da Estrela” tenta mostrar que nada é mais vago que a realidade, realidade de nossas vidas, Clarice usa de uma linguagem desesperadora, um clamor a Deus que alivie suas angústias e dor. No decorrer do livro aparece dezesseis vezes o nome de Cristo, tal soma pode estar simbolicamente representando a idade de Clarice ao se mudar para o Rio de Janeiro, uma cidade desconhecida, lugar em que enfrentou grandes dificuldades financeiras e bem como a falta do apoio maternal que é de suma importância. Aos 33 anos Clarice dá a luz a Pedro, e tenta se conciliar ao papel de mãe e de escritora. Tal coincidência se dá aí também, pois há a presença do nome de Deus por trinta e três vezes, esses números podem ter uma relação direta com o sofrimento da autora ao adequar-se aos dois papéis importantes, mas totalmente destoantes.

“... Porque quem está ao meu lado, está no mesmo instante ao lado de Jesus”.

“... Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim, mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus”.

“... A quem interrogava ela? A Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus...”

“... Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá” (LISPECTOR, 1999).

O regionalismo é evidente na obra desde o início, Macabéa nordestina de nariz achatado, deixa sua terra natal e vai a busca de novos caminhos. Gilda Plastino considera Macabéa como heroína ambígua frente a literatura feminina, e ao mesmo tempo anti-heroína, porque apresenta características de uma mulher totalmente inversa da mulher dos livros românticos que são mulheres lindas de corpo estrutural, bem alimentadas, com criados para servi-las, Macabéa é o avesso, ingênua, doente, ignorante, miserável, carente de calor humano e passava fome. Essa diferença fica bem visível em uma das obras de “Machado de Assis” “Quincas Borba” que a mulher era a ascensão até dentro do lar “Olhava para Sofia, que estava então em pé, de costas para ela, falando a duas senhoras sentadas. Rubião admirou-lhe ainda uma vez a figura, o busto bem talhado, estreito embaixo, largo em cima, emergindo das cadeiras amplas, como uma grande bráçada de folhas sai de dentro de um vaso” Na sociedade era valorizada não somente financeiramente, mas de corpo e alma.

“Sofia estava magnífica. Trajava de azul-escuro, mui decotado, os braços nus cheios, com uns tons de ouro claro, ajustava-se às espáduas e aos seios... (ASSIS, 1998).

“... O céu é para baixo ou para cima? Pensava a nordestina. Deitada não sabia. Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir”.

Ela toda era um pouco encardida, pois raramente se lavava _ moça essa que dormia de combinação de brim com manchas bastantes suspeitas de sangue pálido. Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio parco calor” (LISPECTOR, 1999)

Na obra “A Hora da Estrela” aparece na história o personagem Olímpico de Jesus também nordestino como Macabéia, mas diferente pela ambição de uma vida melhor. Após o primeiro encontro esses dois personagens começam a namorar, entretanto a afetividade não era recíproca. Olímpico de Jesus tinha como seu maior objetivo a riqueza, queria muito dinheiro e poder pensava até em ser político, acreditava no futuro e nos sonhos. Dessa forma, a ambição o leva a trocar Macabéia por sua melhor amiga Glória, pois acreditava que ali havia uma base sustentada, tinha família, moça de boa aparência por ser bem alimentada, aparência é o cartão postal de todo ser vivente, e ainda mais, também tinha bom papo. Macabéia inócua, “feita de matéria rala”, mal sabia porque existia, talvez não sabia qual a diferença entre ser humano e o animal irracional. Clarice Lispector deixa muito evidente ao narrar um diálogo entre Macabéia e Olímpico. “Falar então de que? Por exemplo, de você. Eu?! Porque esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente. Desculpe mas não acho que sou muito gente. Mas todo mundo é gente, Meu Deus” (LISPECTOR, 1999).

Macabéia desiludida por perder Olímpico, induzida por “amiga” Glória vai à procura de uma cartomante de nome Madama Carlota uma figura simbólica representante da ideologia mística. Madama Carlota tentou deixar Macabéia a vontade usando todo seu misticismo, mas logo revelou que a pobre tinha um grande e brilhante futuro. Macabéia que não tinha sonho começou a sonhar e planejar sua vida. Este resultado se dá pelo poder das perturbações psicológicas (adquiridas por influências exteriores) que um ser tem sobre o outro, usando a mentira, a falsidade. Madama Carlota mentira para Macabéia, pois ao sair é atropelada por seu príncipe encantado, em um grande carro amarelo, símbolo de “nostalgia e harmonia, riqueza, luminosidade, intelectualidade, independência e aventura” (WALDMAN, 1983), um grande homem loiro, forte, bonito, um representante do poder

masculino. Também representante do homem e seu exterior do vigor e poder. Pode ser constatado nos fragmentos abaixo.

“Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente”.

“Macabéa nunca tinha tido coragem de Ter esperança. Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus. Enquanto suportava uma forte taquicardia. Madame tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Mas casaco de pele não precisa no calor do Rio...”

— E agora, disse a madama, você vá embora para encontrar o seu maravilhoso destino.

Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino sussurrou veloz e guloso: é agora, e já chegou a minha vez!

E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a. — e neste instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho” (LISPECTOR, 1999).

Macabéa traz no corpo as marcas de um viver à margem, seja pela destruição das condições básicas de sobrevivência e de cidadania. A linguagem que Clarice usa faz-se parceria de sua forma andarilha de viver, de modo que o traço migrante confirma o corpo e a alma. Macabéa representa muito bem a população, as grandes diferenças sociais, também uma representante da mulher na sociedade e na literatura, e os preconceitos que nos rodeiam, há milhares de anos a mulher busca seu espaço, tanto no trabalho como na vida pessoal, a mulher transforma o meio em que vive. Clarice também tem o poder de transformar o homem, deixando uma margem de reflexões sobre a vida.

A narrativa em sua totalidade é minuciosamente contada por um suposto narrador masculino que atrás de si se esconde, mas deixa uma revelação nas entrelinhas da própria autora. Uma obra que revela uma vida em conflito com si mesma, uma psicografia de Clarice Lispector. Berta Waldman relata que “para começar, estão em cena dois narradores sobrepostos: Rodrigo S.M., que se apresenta como o autor do livro, fazendo, portanto, às vezes de outro autor, aquele cujo nome figura na capa, isto é, Clarice Lispector. Esse, ao mesmo tempo em que relata uma história, a vida de uma moça nordestina, conta sua própria história” (WALDMAN, 1993).

Freud considera o escritor como um “neurótico obstinado” que passa através de sua obra proteger-se da alienação, mas também vai a procura de salvar sua alma. O escritor se afasta da realidade para um mundo de fantasias, o qual lhe dá livre acesso aos seus desejos

e desabafos. Podendo descobrir uma via de regresso. Ajustando essa fantasia a uma nova espécie de realidade que o ser humano passa a entender como um reflexo válido da vida real. Podemos ver um “neurótico obstinado” ao analisarmos (Rodrigo S.M. ou Clarice na obra *A Hora da Estrela*) em que une uma característica particular e que torna único ao delinear-se nas páginas do livro, deixando transparecer todo seu caráter contraditório, buscando livrar-se da alienação em sua própria obra. Para não se destruir, sempre destrui suas personagens. Por temer a morte de maneira alusiva, Clarice mata Macabéa, com o propósito de descobrir o seu caminho de acesso a realidade. Mas, tudo não acontece como planejado e acaba encontrando a mais crua realidade da vida, a morte. Macabéa desaparece no espaço com um grito ao Futuro. “Quanto ao futuro”, Ela é o grito no silêncio daqueles que estão marginalizados socialmente e existencialmente, então a necessidade do grito permanece “pois morrer não é suficiente, não me completa”.

“Com as mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama”.

“... Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas _ mas eu também?!”

“Macabéa me matou” (*LISPECTOR, 1999*).

Mas não obstante o narrador volta a sua fantasia.

“Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos. Sim” (*LISPECTOR-1999*).

Para conhecer Clarice é preciso embrenhar-se nas suas produções veja a presença da autora e a semelhança da personagem Macabéa de “*A Hora da Estrela*” no poema abaixo.

MEU DEUS, ME DÊ A CORAGEM

“Meu Deus, me dê a coragem
de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites,
todos vazios de tua presença.
Me dê a coragem de considerar esse vazio
como plenitude.
Faça com que eu possa falar
com este vazio tremendo
e receber como resposta
o amor materno que nutre e embala.
faça com que eu tenha a coragem de te amar,
sem odiar as tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo.

Faça com que a solidão não me destrua.
Faça com que minha solidão me sirva de companhia.
Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Faça com que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.
Receba em teus braços
o meu pecado de pensar”.

(Clarice Lispector)

A presença de Clarice Lispector em suas narrativas e em seus poemas é tão forte que seria impossível delimitar onde inicia a autora ou a suas personagens, é nesse momento que se instaura uma grande incógnita da literatura clariciana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro “A Hora da Estrela” entrou em minha vida no terceiro semestre deste curso, logo percebi que Clarice Lispector às vezes deixa-nos um mal estar ao lermos seus livros, pois seduzidos por sua linguagem poética e pela intimidade que sempre estabelece, nos leva ao interior do ser humano, e por vez nos pega de surpresa ao ver a realidade na vertente mais obscura, a análise do sadismo e suas manifestações, a ironia, o sofrimento, a falta de amor, a fome, a inveja, a destruição, a desumanidade do ser humano.

Clarice Lispector deixa bem evidente sua existência e consciência na obra, seus questionamentos constantes, onde também evoca a palavra Deus por trinta e três vezes e Cristo por dezesseis, o qual deixa bem claro seu grande sofrimento e pedido de socorro, deixando margens ao leitor a questionar a sua posição como sujeito agente no mundo em que vive. A existência da protagonista alagoana Macabéa deixar-nos margens para podermos traçar comparações entre o mundo real de Clarice e o fictício e chegarmos a conclusão que a ficção e a realidade se unem em uma só. “... através dessa jovem dou o meu grito de horror a vida. A vida que tanto amo” (LISPECTOR, 1999).

Com esta grande semelhança da vida medíocre que Macabéa viveu, sofrendo, passando fome, não entendia sua existência, não entendia o mundo, “Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato” (LISPECTOR, 1999). Clarice faz adaptações usando Macabéa para seu desabafo contando ao mundo que não era feliz, querendo sua liberdade, seu desespero desde a infância, onde perdeu seus pais, a solidão que permanecia em sua vida, então dá seu grito de socorro ao dizer: “E neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque escrever é um modo de não mentir o sentimento (a transfiguração involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar); de outro lado, escrevo pela incapacidade de entender se não usar o processo de escrever” (WALDMAN, 1993). Torna-se a obra um auto-retrato da autora, pois a mesma também não entendia sua existência e o meio não a compreendia. Clarice morre no anonimato. Antonio Cândido “sublima, na jovem escritora estreante, a intensidade com que escrevia e sua rara capacidade de captar nuances da vida interior...” (WALDMAN, 1983).

Posterior a dados bibliográficos levantados e a discussão feita ao longo deste ensaio monográfico. Minha expectativa é a de levantar curiosidades aos acadêmicos de letras e estimulá-los a lerem os livros Clarice Lispector e assim abranger uma gama de informações sobre a autora e sua obra sendo ambas magníficas. Porque Clarice perseguia o indizível, aquilo que as palavras não podem expressar. E ela queria expressar com as palavras. Clarice me fez apaixonar por ela, li e reli várias obras suas e também comentários de teóricos sobre ela. Suas frases me perturbam, ecoam em minha mente como um grilo persistente, agora já distante de mim ainda canta ao meu ouvido, e ainda me faz refletir sobre o imenso fluxo de consciência que envolve leitor - autora e personagem. Clarice escreve com a alma e fala da descoberta de si mesma. Podemos ter uma visão que Clarice é viva em tudo que escreve e principalmente dentro da obra "A Hora da Estrela". No entanto, o estudo que fiz foi engrandecedor ao nível de conhecimento. Espero que este trabalho também possa estar contribuindo como apoio teórico para outros estudos acerca deste objeto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARANHA & MARTINS. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna.1996.

ASSIS, Machado. **Quincas Borba**. São Paulo: Ática. 1998.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. São Paulo: T.A.Queiroz, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. **O Ensino de Literatura**. São Paulo: FTD. 1966.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil, n.05. era moderna**, São Paulo: Global, 1997.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária uma introdução**. Pinheiros: Beca, 1999.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental autores e obras fundamentais**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto**. São Paulo: Ática, 1995.

DOUGLAS, J.D.M.A.M.D.S.T.M.P.H.D. **Novo Dicionário da Bíblia**. 7. ed. Vida Nova. São Paulo: 1962.

FRANÇA, Maria Inês. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva S.A. 1997.

FURIA, Luiza Mendes. **Inventário da Solidão**. São Paulo: Giordano. 1999.

LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e Literatura**. São Paulo: Unesp, 1987.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: A Noite, 1944.

MOISES, Mssaud. **A Literatura portuguesa a través dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1995.

PLASTINO, Gilda. **A Mulher na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense. Revista Unifio. 2000.

PSICANÁLISE REUDIANA. VIABOL.UOL.COM.BR.MECANISMOS DE DEFESA.

WALDMAN, Berta. **Clarice**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Clarice Lispector a Paixão Segundo G.H.** 2. ed. São Paulo: Escuta, 1993.

_____. **Clarice Lispector**. São Paulo: Brasiliense S.A. 1981.

SÁ, Olga de. **A Escritura de Clarice Lispector**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.